



sobre uma área protegida

Parque Nacional do Alto Atlas

O Atlas é um sistema montanhoso que se orienta da costa Atlântica de Marrocos para nordeste, ao longo de cerca de 2.250 km, até ao norte da Tunísia. Apresenta vários alinhamentos de relevos grosseiramente paralelos que em Marrocos incluem, de sul para norte, o Anti-Atlas, também conhecido por Pequeno Atlas (cujo pico mais elevado é o Jbel Siroua, de 3.305 m); o Alto Atlas (com uma altitude máxima no Jbel Toubkal, 4.167 m) e o Médio Atlas (com o seu ponto mais elevado no Jbel Bou Naceur a 3.356 m).

Esta cordilheira serve de separação entre as zonas costeiras do mar Mediterrâneo e do oceano Atlântico e o deserto do Saara, sendo um dos responsáveis pela sua existência.

A cadeia do Anti-Atlas ter-se-á elevado há cerca de 300 M.a. (altura da história do planeta em que se formaram grandes cadeias montanhosas como os Apalaches) em resultado da colisão de antigos continentes que levaram à formação da *Pangea*. É constituída por rochas muito dobradas, com grande variedade de rochas magmáticas e seria uma cadeia de relevo mais vigoroso que os atuais Himalaias. Mais recentemente, desde há cerca de 65 M.a., e à medida que as massas continentais da Europa e África colidiam no sul da Península Ibérica, ter-se-ão erguido as restantes cadeias montanhosas que formam o Atlas, num processo orogénico que ainda hoje continua e que originou também as cadeias montanhosas do sul de Espanha.

O Parque Nacional do Alto Atlas Oriental, criado em 2004, é uma área protegida que se estende ao longo da zona meridional desta cordilheira, entre a vila de Imilchil e o cabo Jbel Aberdouz, cobrindo uma área de cerca de 50.000 ha, com três zonas distintas: o planalto onde se encontram os lagos de Isli e Tislit – lagos de impacto meteorítico classificados como Sítios Ramsar - a oeste; a zona montanhosa ao centro e o cabo de Jbel Aberdouz a leste. Localiza-se entre duas zonas climáticas bem diferenciadas: uma relativamente húmida a norte e uma outra, a sul, seca e desértica.

A rede de drenagem, densa e desorganizada, é constituída por numerosos *oueds* [*oueds* e *wadis* são cursos de água característicos do norte de África, e das regiões semi-desérticas, com um regime hídrico muito torrencial. Geralmente secos durante a maior parte do ano podem apresentar episódios de cheias transportando então grande quantidade de sedimentos que provocam alterações no traçado do seu leito (no sul de Espanha, os mais largos recebem a designação de *ramblas*)].

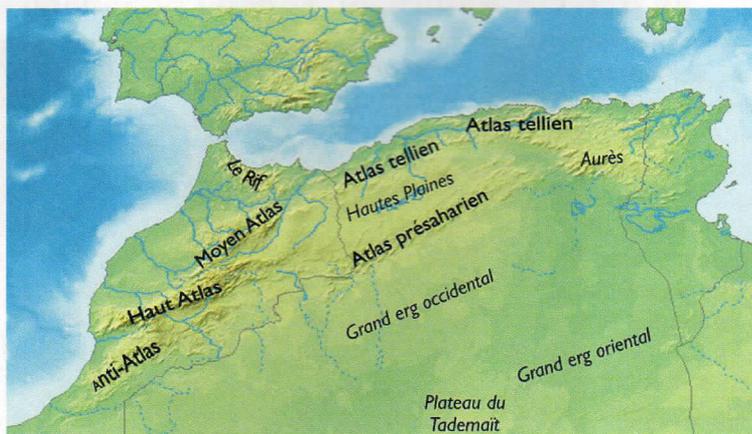
As altitudes variam entre os 1.645 m no leito do Oued Arheddou e os 3.102 m do Jbel Tanrhourt. As vertentes viradas a norte, com precipitação entre 400 a 600 mm, encontram-se muito arborizadas enquanto as viradas a sul apresentam grande secura, sendo a neve abundante e duradoura nas zonas mais elevadas. Na vertente norte existem densas florestas de cedros-do-Atlas - *Cedrus atlantica* - (é a única floresta de cedros em Marrocos que ocupa grande área de montanha rochosa no limiar de tolerância edafo-climática); pinheiro-bravo (*Pinus pinaster maghrebiana*); azinheiras (*Quercus rotundifolia*); zimbro-espanhol (*Juniperus thurifera*) e, a menor altitude, surgem algumas florestas de pinheiros-de-alepo (*Pinus halepensis*).

Em zonas mais elevadas, surge vegetação estepária xerófita e, nas zonas mais húmidas encontram-se prados.



Nas vertentes sul, as florestas de cedro escasseiam, sendo ainda possível encontrar algumas de carvalhos e de pinheiros embora pouco densas. A menor altitude predomina a vegetação estepária, dominada pelo esparto (*Stipa tenacissima*) e, embora o número de espécies não se encontre perfeitamente determinado, sabe-se que o Parque alberga cerca de 7% dos endemismos de Marrocos.

O relevo vigoroso oferece refúgio a uma importante população de carneiros-da-Berbéria (*arruí* ou *aoudad*, designações de origem berbere) - caprídeo nativo das zonas montanhosas do Saara e do Magreb, classificado como espécie vulnerável pela IUCN) - de gazelas de Cuvier (*Gazella cuvieri*) (espécie em perigo) e aos últimos exemplares do leopardo da Berbéria, *Panthera pardus panthera*, sub-espécie de leopardo do norte de África, principalmente do Atlas, que se



considerava extinto. Em 2012 foi ainda confirmada no Médio Atlas marroquino a presença do Chacal do Egípto (*Canis aureus lupaster*) e do Lobo de África (*Canis lupus lupaster*).

O macaco da Berbéria (*Macaca sylvanus*), espécie ameaçada, é o único primata vivo do continente africano que se pode encontrar em estado selvagem nas florestas relíquia de Marrocos e da Argélia e, de forma artificial (em *forcing*), no Rochedo de Gibraltar, constituindo juntamente com o homem, o único primata da Europa.

A proteção destas espécies, e de muitas outras, bem como dos valores culturais da região estiveram na base da criação deste Parque.

Podem ainda ser encontradas mais de 120 espécies de aves, entre as quais rapinas raras e aves aquáticas, répteis e anfíbios.

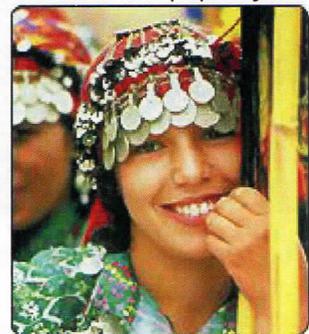
O povo berbere povoa desde há séculos estas montanhas. Atualmente as tribos agrupam-se em aldeias e povoações mas existem ainda grupos nómadas que perpetuam esse costume ancestral.

O parque nacional do Alto Atlas Oriental distingue-se também pelo seu património cultural. No final de cada verão decorre no planalto dos lagos Isli e Tislit, no Alto Atlas marroquino, uma festa ou “moussem” conhecido como “Moussem dos Noivados” que reúne as populações da tribo Ait Hadiddou nas proximidades da pequena povoação de pedra e adobe de Imilchil. Celebra uma antiga lenda tribal e reveste-se de grande significado político, económico, social e religioso para as populações locais. Político, ao reforçar os laços de amizade e de boa vizinhança entre esta e outras tribos;



económico, ao permitir a comercialização de produtos agrícolas, de artesanato e de gado; social, ao preservar a tradição dos casamentos em grupo, que asseguram a continuidade da linhagem tribal, permitindo o casamento de viúvas e divorciadas. Fica assim assegurada a permanência na região dos elementos mais jovens da sociedade evitando a consanguinidade num território em que as aldeias se encontram isoladas a maior parte do ano devido aos fortes nevões e difíceis acessos. Quanto à vertente religiosa permite dar continuidade à prática do Islão popular, adaptado ao modo de vida das populações berberes semi-nómadas, liberta dos fortes códigos sociais da sociedade árabe tradicional.

O “Moussem dos Noivados” tem origem numa lenda que narra a história de amor proibido entre dois jovens de tribos rivais. Existem várias versões do final trágico deste amor: uma conta que Isli e Tislit (“noiva” e “noivo” em língua berbere) morreram de amor, formando com as suas lágrimas os dois lagos que tomaram os seus nomes; segundo outra, Isli e Tislit não aceitaram a sua separação e suicidaram-se, tendo os lagos sido formados pelas lágrimas dos seus parentes e uma terceira narra que cada jovem se terá afogado num dos lagos mas que todas as noites se encontram para se amar. A “Moussem dos noivados” surgiu da decisão das duas tribos em permitir que, daí em diante, os seus jovens pudessem escolher livremente a quem amar.



A verdade científica da origem dos dois lagos pode não ser tão romântica, mas é igualmente interessante. Na realidade, há cerca de 40.000 anos, de um mesmo meteorito que se fraturou à entrada da atmosfera terão caído aqui dois dos seus maiores fragmentos que deram origem às duas depressões, uma com 27 e outra com 95 m de profundidade. Desde então a chuva e o degelo encarregaram-se de encher os dois lagos que são seguramente dos mais belos da África marroquina.



Texto de Maria Pilar Garcia e Fotos retiradas da Internet